

**TIPOGRAFIA E ARTES DO LIVRO
NAS ESTANTES BENEDITINAS¹**

**TYPOGRAPHY AND BOOK ARTS
ON BENEDICTINE BOOKSHELVES**

Ana Isabel Libano Monteiro

Biblioteca Nacional de Portugal

Serviço de Atividades Culturais e Comunicação

analibano@gmail.com

Resumo: O artigo aborda títulos e autores existentes na opulenta biblioteca do Mosteiro de Tibães, Casa-Mãe da Ordem de São Bento em Portugal, que ilustram o conhecimento da arte do livro e da edição em Portugal e além-fronteiras. Beneficiando dos avanços no sistema taxonómico do saber universal de então, os eruditos beneditinos tinham à consulta obras de referência sobre grafia, ilustração do livro, colecionismo e técnicas de conservação. Manuais antigos e modernos de caligrafia e fabrico do papel eram indispensáveis às tarefas do cronista, do bibliotecário, do procurador e dos instrutores de diferentes ofícios.

Palavras-chave: livro antigo em Portugal, tipografia, história da edição, manuais de caligrafia portuguesas.

¹ Não obstante este texto ter sido convertido, devido a critérios editoriais, para o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), a autora não adota o referido Acordo. Agradeço aos Professores António Andrade e Cristina Carrington o convite para integrar o VI Ciclo de Conferências «Do Manuscrito ao Livro Impresso e Eletrónico», em boa hora promovido pelo Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, permitindo contributos diferenciados para o conhecimento da história do livro e da edição em Portugal.

Abstract: The article discusses titles and authors from the opulent library of the Monastery of Tibães, the Mother House of the Order of St. Benedict in Portugal, which illustrate the knowledge of the art of books and publishing in Portugal and beyond its borders. Benefiting from advances in the taxonomic system of universal knowledge at that time, Benedictine scholars had reference works on spelling, book illustration, collecting and conservation techniques to consult. Ancient and modern manuals on calligraphy and paper manufacturing were indispensable to the tasks of the chronicler, librarian, procurator and instructors of different trades.

Keywords: Portuguese old book, typography, history of edition, Portuguese calligraphy manuals.

Introdução

O antigo Mosteiro de S. Martinho de Tibães (Braga) — Casa-Mãe da Ordem de São Bento em Portugal, fundado por carta de Couto de D. Henrique e D. Teresa em 1110 — detinha, à data da extinção (1834), opulenta biblioteca que servia a comunidade e todos os que a ela recorriam. O acervo tem sido objeto de estudos diversificados pela riqueza e variedade dos fundos, revelando um dinamismo incessante por parte dos seus organizadores e agentes até ao encerramento. Assim o testemunha o Índice existente no Arquivo Distrital de Braga (ADB),² elaborado por Frei Francisco de São Luís (1760-1840), então Secretário da Congregação e, mais tarde, Cardeal Saraiva de Lisboa.

Ocupam-nos, por agora, alguns títulos e autores que sirvam para um conhecimento da arte do livro e da edição em Portugal e além-fronteiras. Beneficiando dos avanços no sistema taxonómico do saber universal de então, o erudito beneditino arrumou na estante das «Artes liberais e mecânicas» (Classe n.º 3) alguns manuais de edição e grafia. A organização das grandes bibliotecas tinha-se vindo a aprimorar desde o século XVII, para comodidade de leitores e curiosos: o espaço e o método, decisivos para a localização das obras, agilizavam a procura frutífera dos milhares de obras à consulta. Não estranhamos, pois, que existisse a *Bibliographie instructive* ou *Traité de la connoissance [sic] des livres rares et singuliers* de Guillaume-François De Bure (Paris, 1731-1782),³ no núcleo da «Poligrafia, História Literária e Bibliografia», que ocupava a Classe n.º 6 daquela biblioteca. Este sector albergava

2 ADB — UM, *Index da Livraria do Mosteiro de S. Martinho de Tibães*, 1798, cota: Ms. 950.

3 Livreiro francês e bibliófilo prestigiado da cidade das Luzes, cuja obra foi decisiva para a organização das bibliotecas do tempo, sendo, com outros, referência obrigatória no mercado e comércio livreiros. A coleção adquirida pelos monges — publicada entre 1763 e 1769 — consta de nove volumes, editados pelo próprio, que se designa como «Libraire de Paris» com a chancela da «Approbation & privilège du Roi».

coleções indiferenciadas, gazetas, miscelâneas, catálogos de bibliotecas, jornais enciclopédicos e outros periódicos, incluindo estrangeiros. Destaque merecem as *Acta Eruditorum*, publicadas em Leipzig desde 1682, que divulgavam, com rigor, a produção tipográfica dos prelos europeus de então, os avanços nas ciências, os movimentos do pensamento filosófico e teológico e as novidades literárias das academias.

Manuais antigos e modernos

A estrear o primeiro tomo da sua extensa bibliografia, que assume como *Traité* — à boa maneira das *Luzes* —, De Bure faz questão de referir que oferece um catálogo metódico, aspirando a cobrir «les livres rares et singuliers de tout genre» que foram sendo publicados na «République des Lettres», desde a invenção da imprensa até aos nossos dias: com notas sobre as diferenças e a raridade das edições, apreciação atualizada das espécies contempladas e método adequado para distinguir as edições originais das contrafações. Aliás, o curioso, o comerciante e o amante dos livros poderiam ainda encontrar ali informação específica sobre a origem tipográfica dos mesmos e o estado das coleções, de forma a identificar exemplares — eventualmente mutilados ou imperfeitos — que se encontrassem no mercado, protegendo assim o interessado e propiciando a «ferramenta» adequada à localização de obras completas e em bom estado.

Era, no pleno sentido do termo, um verdadeiro manual, disposto por ordem de matérias e faculdades, seguindo o sistema bibliográfico usualmente adotado: com Tábua de autores e classes, acrescido de bibliografia seleta. No prefácio ao tomo da «Jurisprudence et des Sciences et Arts», De Bure não poupa o «bibliothécaire de Sainte Geneviève», que tinha «sacudido» o seu *Traité*, apelidando-o de generalista, pouco cuidado e incompleto. Com efeito, primeiro

anonimamente, mas depois às claras, o Père Mercier ia publicando recensões em boletins, sensíveis aos conhecedores do mercado livreiro: *Journal de Trévoux*, *Journal des Savants*, *L'Année Littéraire de Mr. Fréron*. Mas De Bure desmascara-o, bem como a outro crítico da sua obra,⁴ reafirmando a utilidade da *Bibliographie*, e, em boa hora, edita o *Supplément* (1769), que a enriquece, esclarecendo algum público indeciso.

Outros manuais de mestres experientes na caligrafia se encontravam à consulta nas estantes: a *Nova Escola para aprender a ler, escrever e contar* (Fig. 1), oferecida à Augusta Majestade do Senhor Dom João V, rei de Portugal, de Manuel de Andrade de Figueiredo, é exemplo do avanço da arte tipográfica nos prelos de Lisboa. A obra, de 1722, viu a luz na «Oficina de Bernardo da Costa de Carvalho, impressor do Sereníssimo Senhor Infante», conforme a folha de rosto. O autor nascera no Brasil, em 1673, sendo seu pai capitão-mor na região do Espírito Santo. Regressada a família a Portugal, surge na Corte como mestre das primeiras letras, ensinando «os principais da fidalguia» lusitana. Assim o atestam os encómios que precedem o capítulo I. Aliás, na dedicatória ao patrono — D. João V — Manuel Andrade elogia o rei como «aplicado discípulo da arte de escrever», merecedor da gratidão de todos, pois em seu reinado se criara a «primeira escola pública de ler e escrever», sustentando ainda que havia sido o «amor à Pátria» do calígrafo o motivo alegado para a feitura do livro. A «Nova Escola» foi bem recebida nas Academias e inaugurou a

⁴ A controvérsia vem registada pelo próprio autor no «Avertissement au sujet de différentes critiques qui ont paru sur le premier volume de cet ouvrage», 1764, pp. I-VIII. Tratava-se de Mr. Fournier, le Jeune, conhecedor das artes tipográficas, que contesta De Bure quanto à antiguidade da impressão da *Bible Latine* — entre 1450 e 1455, em Mayence, em contraponto com outra existente na biblioteca do Rei de França, sem data — e quanto ao tipo de caracteres utilizados no *Speculum Humanae Salvationis* e no *Psautier*, os quais advoga serem de madeira esculpida e móveis e não «de fonte».

«letra caligráfica portuguesa», só destronada no reinado seguinte pelos modelos franceses e ingleses. Acumulando a mestria do autor, considerado por alguns como dos primeiros pedagogos modernos, a obra — primorosamente apresentada com desenhos explicativos e pertinentes sugestões ergonómicas, ainda hoje úteis no que respeita à postura do braço e da mão da criança ou de qualquer aprendiz — divide-se em quatro tratados: o primeiro ensina a língua com o objetivo de ler e escrever perfeitamente o português; o segundo apresenta os diversos caracteres e tipos de letra; o terceiro fornece as regras da ortografia portuguesa e o quarto, as noções básicas de aritmética. O Magnânimo conhecia bem e alentava a arte tipográfica: instalou prelos no Paço, requisitando material dos Países Baixos e contratando gravadores, encadernadores e douradores:

Memoria do que Sua Majestade ordena que de Holanda se remeta para a impressão da Academia Real. Deve-se procurar em primeiro lugar um abridor de buril e, se puder ser, saiba também abrir em pau [ou seja, em madeira]. É também necessário outro oficial que saiba tirar as Estampas e temperar tinta. Deve-se mandar da letra em que chamamos em português Athanazia, a quantidade que basta para se imprimirem ao mesmo tempo oito folhas daquela a que chamam os impressores redondo, e para se imprimirem também do mesmo modo, ao mesmo tempo, três folhas desta mesma espécie da letra Athanazia a que chamam cursiva. [...] Necessita-se também de abecedário de letras a que chamam de dois pontos de todas as espécies referidas. Para se imprimirem, digo, encadernarem os livros se necessitam de peles de bezerro, e de pergaminho de bezerro. Ferros para os lombos e seixas dos livros e as mais rodas necessárias. Armas reais para

todas as formas de livros e algumas tarjas e cantos. Pastas e papéis de cor a que chamam “nabre” para as guardas dos livros.⁵

Nada ficava ao acaso, para assegurar o esplendor reclamado pelo rei, aliás, característico das obras monumentais do Período Joanino.

Não inferior e com propósito acrescido, porque paleográfico, existia o título ousado da *Escuela de leer letras cursivas antiguas y modernas desde la entrada de los godos en España hasta nuestros tempos* (Fig. 2), de Andrés Merino de Jesucristo (1733-1787), publicado em Madrid por «D. Juan Antonio Lozano, impresor de Su Majestad», em 1780. O autor, esculápio, originário de Castela, assegura esta edição imponente, graças a mais de 600 subscritores. Encabeçados pelo rei (Carlos III) e infantes, que receberiam 12 exemplares cada, figuram os grandes de Espanha, numerosos familiares do Santo Ofício, funcionários da Corte e da administração pública, a Real Academia de la Historia, bibliotecas de mosteiros, reitores de colégios universitários, eclesiásticos e gente comum, bem como todas as Escuelas Pias do Reino, solidárias do projeto liderado por um membro da sua fraternidade. Também constam, no mesmo propósito, algumas mulheres: senhoras marquesas de Tejada e de Camara, Condessa de Ricla, D. Josefa de Caro, baronesa de Cheste, Condessa de Villaminaya e D. Josefa Morales. Todos reconheciam este trabalho pioneiro do religioso humanista, gravador, calígrafo e arabista, que merecia ser patrocinado e se distinguira pelos estudos científicos e de cariz didático.

Com efeito, a obra — notável pelos comentários eruditos e pela mestria do desenho — não encontraria par, segundo o paleógrafo Mariano Muñoz y Rivera, até finais do século XIX. Dela constam «Escrituras antiguas portuguesas», reproduzidas nas «Lâminas

⁵ Carlos Alberto FERREIRA, *A livraria real portuguesa. Anais das bibliotecas e arquivos de Portugal*. Lisboa, Inspeção Superior das Bibliotecas e Arquivos, 1958, p. 8.

49 e 50», com a respetiva transcrição de exemplares datados — entre 1442 e 1547 — e das «Reflexiones» do renomado polígrafo, particularmente interessantes para a história da edição ibérica.⁶

O fabrico do papel

Também presente o tratado francês, *L'Art de faire le papier* (Fig. 3) de Mr. Jérôme de Lalande, que integrava a notável coleção das *Descriptions des arts et métiers, faites ou approuvées par Messieurs de l'Académie Royale des Sciences* (Fig. 4), cujo prefácio censura alguns artífices que tinham querido sonegar, até aquela altura, ao estrangeiro, os segredos da sua arte, lesando o interesse do cidadão comum, da Nação e do progresso das Artes a favor de toda a Humanidade. A academia francesa propôs-se, desta forma, cruzar a experiência dos operários, a ciência dos sábios e a mestria dos artistas, evitando a mediocridade e o atraso da «routine aveugle» que ainda atingia os ateliês dos artesãos e das oficinas, agilizando circuitos e aplanando caminhos. Profusamente ilustrada, a publicação era assim conhecida pelos agentes e mecenas do livro de Setecentos, em Portugal (Fig. 5).

Verdadeiro guia técnico da obra impressa, no esteio da *Encyclopédie*, percorria todo o processo do fabrico do papel (Fig. 6) e suas variantes — recolha, tratamento, processo mecânico, secagem (Fig. 7) — que propiciaria o arranjo gráfico e a produção em série (Fig. 8). As ilustrações espelham o talento do autor e editor. Espírito ativo, fecundo e inquieto, célebre desde jovem por descobertas pioneiras no campo da astronomia — que lhe mereceram a nomeação para docente do Collège de France e membro da Académie Française — Joseph-Jérôme de Lalande (1732-1807), viajou pelas cortes da Europa do tempo. Deixou extensos

⁶ “Andrés Merino de Jesucristo”, in *Enciclopedia Universal Ilustrada Europeo-Americana*. Madrid, Espasa-Calpe, 1930, vol. 34, p. 933.

tratados sobre esta e outras ciências. Publicou memórias, colaborou em revistas eruditas e foi encarregado pela Académie de redigir este volume consagrado ao papel. Aproveitando as gravuras originais de Pierre Paul Sevin, datadas de 1698, reutiliza-as, aperfeiçoa-as e, com o apoio de Pierre Patte no que respeita ao desenho, acrescenta-as com as últimas novidades dos chamados «moinhos holandeses» instalados na Oficina de Langlée. Esta fora uma das primeiras fábricas de papel com produção em grande escala, precursora da era industrial e que operou entre 1741 e 1812. O texto de Lalande, apresentando as técnicas artesanais mais recentes, projetou o manual como referência de consulta e de estímulo para os interessados no fabrico do papel em tanques (*a la cuve*).

Só tardiamente se implantaria a indústria em Portugal, sendo mais comum entre nós a importação desses materiais para as tipografias.

A arte tipográfica e a escrita

Desde Gutenberg que o livro manuscrito e impresso interpelava os académicos do tempo. Curioso exemplo é a obra deste acervo tibanense do toledano Alejo Venegas del Busto (1498-1562), *Primera parte de las diferencias de libros que hay en el Universo*, editado em Valladolid, em 1583, e que apresenta a seguinte definição:

Libro es una arca de deposito en que por noticia esencial, o por cosas o por figuras, se depositan aquellas cosas que pertenecen a la información & claridade del entendimiento. Esta definición es tan general que no se dará escritura que no se encierre debajo della. Primeramente diz se que el libro es arca porque asi como el arca derivada de este verbo *arceo* por arredrar

(según dice P. Marrón) arrieda de si los ladrones, assi el libro arriedra de si la ignorancia.⁷

Do mesmo período são as edições de Antuérpia e, em particular, da Veneza quinhentista, que haviam marcado o Renascimento. Os respectivos prelos testemunham — tanto pela gravura como pelos tipos utilizados — o incremento da arte tipográfica e seus feitores na cidade rainha do Adriático, sedutora e rival de Florença em beleza, encanto e mistério. De ambas são exemplo a *Biblia Sacra* (1599) da oficina plantiana de João Moreto (Fig. 9) e a *Biblia Sacrosancta* (1564) da famosa dinastia dos Junti, cujo timbre, L. A., ornamentado da flor de lis, evoca o impressor-livreiro Lucas António Junta (Fig. 10).

Já do século XVIII eram as *Vindiciae Typographicae*, do historiador alemão Johann Daniel Schöepflin (1694-1771), editadas em *Argentorati* (Estrasburgo) (Fig. 11), com desdobráveis reveladores do esforço dos prelos germânicos, empenhados também na divulgação das Letras. A obra versa sobre as primícias da tipografia, o atribulado percurso de Gutenberg e seu legado, os sucessores, a primazia técnica das oficinas da Europa central e respetiva produção para o resto do mundo conhecido. Latinista, bem preparado e erudito, cuja esfera de influência ultrapassava a Alsácia, serviu a Czarina em São Petersburgo e, após percorrer os Países Baixos, a Itália, a Suíça, a Inglaterra e ser nomeado membro da Royal Society of London, é convidado por Luís XV para seu conselheiro e historiógrafo. Típico cultor das Luzes, cedeu à cidade de Estrasburgo, onde faleceu, a preciosa biblioteca reunida em vida, bem como o gabinete de Antiguidades.

7 Alejo Venegas foi filósofo, moralista, lexicógrafo e gramático, docente conceituado na Universidade de Toledo e admirador de Erasmo. Do seu percurso trata, de forma exímia, a Nueva Biblioteca de Autores Españoles dirigida por Menendez y Pelayo, referenciada na bibliografia final.

Os monges possuíam ainda *A Nova Arte de escrever*, de António Jacinto Araújo (?-1797) — professor de escrita e aritmética em Lisboa e membro da Academia Imperial de S. Petersburgo —, oferecida ao Príncipe para instrução da mocidade, publicada em Lisboa por 1794; figurava na estante dos críticos e filólogos das línguas modernas e era ilustrada por 25 estampas, gravadas a buril.

Existia também o *Breve tratado theorico das letras typograficas oferecido a Sua Alteza Real*, ostentando no frontispício a divisa, com ressonância das Luzes, «Illustrant dum infuscant» (Fig. 12). Era seu autor o portuense Joaquim Carneiro da Silva (1727-1818), desenhador de talento e considerado o maior gravador português da segunda metade do século XVIII (Fig. 13). Após alguns anos no Brasil, ali iniciando a sua formação, partiu para Itália (Roma e Florença), acabando por estabelecer-se em Lisboa, onde desenvolveu relevante atividade até ao fim da vida. Foi professor e fundador da Aula Régia de Desenho, lente no Real Colégio dos Nobres. Já entrado em anos, foi determinante na criação da Aula de Gravura da Casa Literária do Arco do Cego, alentada por D. João VI e patrocinada por D. Rodrigo de Sousa Coutinho, no âmbito da Secretaria de Estado que sobraçava. De fugaz existência, mas profícua em edições, a Tipografia Calcográfica, Tipo-plástica e Literária do Arco do Cego funcionou entre agosto de 1799 e dezembro de 1801. A oficina abrigava materiais escolhidos, exigidos pelo mestre, desde a instalação: «agulhas, compassos, quadrantes, esquadros e réguas, almofadas de couro, ingredientes para o verniz e água-forte [...] e elevado número de artistas, subdivididos em áreas de especialização: figuristas, arquitetos e gravadores».⁸

⁸ Miguel FARIA, “Joaquim Carneiro da Silva e a aula de gravura do Arco do Cego” in *A Casa Literária do Arco do Cego (1799-1801) — Bicentenário: «Sem livros não há instrução»*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Biblioteca Nacional, 1999, pp. 128 e 136.

À consulta também estavam as *Regras methodicas para se aprender a escrever os caracteres das letras ingleza, portugueza, aldina, romana, gotica-italica e gotica-germanica acompanhadas de hum tratado completo de arithmetica*, de outro mestre, o calígrafo Joaquim José Ventura da Silva (1777-1849), trazidas à luz na Impressão Régia, no ano de 1819 (Fig. 14), em 2.^a edição. Pedagogo experimentado foi, no dizer do seu biógrafo, «não um inventor, mas um normalizador da escrita [...], sendo o principal trabalho de Ventura regularizar a chamada *letra portuguesa*».⁹ O manual, de que se apresenta a primeira edição em jeito de álbum e que dera novo impulso à arte caligráfica em Portugal (Fig. 15, 16 e 17), terá sido das últimas obras deste tipo adquiridas antes da extinção, o que significa que os monges permaneciam atentos ao mercado livreiro e à «formação profissional» dos envolvidos nas numerosas tarefas do cenóbio, que requeriam conhecimentos de caligrafia, contabilidade, arquivística, preservação e manutenção do papel ou material utilizado nos registos, e conservado na biblioteca ou em local apropriado. Com efeito, crónicas, dietários, livros de receita e despesa, rol e controle dos produtos que chegavam ao mosteiro, tudo era arrolado por monges preparados, escolhidos pelo abade.

Trata-se de uma amostra elucidativa, a possível, no âmbito das artes da escrita e tipografia, extraída da listagem dos livros arrolados que se conservavam na Casa-Mãe da Ordem de São Bento.

⁹ Manuel d'Oliveira RAMOS, *O calligrapho Ventura da Silva: a sua obra nacional*. Porto, Livraria Portuense, 1899, p. 17.

Referências bibliográficas

Fontes

Arquivo Distrital de Braga

ADB-UM. *Index da Livraria do Mosteiro de São Martinho de Tibães*, 1798, cota: ms. 950.

Bibliografia

- ANDRÉ, Louis, “Jerôme de Lalande”: *Dictionnaire Encyclopédique du Livre* (dir. Pascal Fouché). Paris, Éditions du Cercle, Vol. 2, E-M (2005), pp. 682-683.
- ANÓNIMO, “Andres Merino de Jesu Cristo”: *Enciclopedia Universal Ilustrada Europeo-Americana*. Madrid, Espasa-Calpe (1930), n. 34, p. 933.
- CANAVARRO, Pedro *et alii* (orgs.), *Imprensa Nacional: Actividade de uma casa impressora, 1768-1800*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1975.
- CURTO, Diogo Ramada, GONÇALVES, Paula e FERREIRA, Graça Pais, *Bibliografia da história do livro em Portugal: séculos XV-XIX*. Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, 2003.
- DE BURE, Guillaume François, *Bibliographie instructive: ou Traité de la connoissance des livres rares et singuliers* [9 vols]. Paris, Le Jeune, 1763-1768.
- E. G., “Jean Daniel Schoepflin”: *Nouvelle Biographie Générale*. Paris, Firmin-Didot frères, Vol. 43, (1864), pp. 567-569.
- FABRO, Miguel, “Alejo Venegas del Busto”, in Menéndez y Pelayo (dirs.), *Escritores místicos españoles. Nueva Biblioteca de Autores Españoles*, vol. 1, n.º 16. Madrid, Casa Editorial Bailly-Baillière, pp. XIV-XXVI.
- FARIA, Maria Isabel e PERICÃO, Maria da Graça, *Novo dicionário do Livro: da escrita ao multimédia*. Lisboa, Círculo de Leitores, 1999.
- FARIA, Miguel, “Joaquim Carneiro da Silva e a Aula de Gravura do Arco do Cego”, in *A Casa Literária do Arco do Cego (1799-1801) – Bicentenário: «Sem livros não há instrução»*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Biblioteca Nacional, 1999, pp. 127-138.
- FERREIRA, Carlos Alberto, *A Livraria Real Portuguesa. Anais das bibliotecas e arquivos de Portugal*. Lisboa, Inspeção Superior das Bibliotecas e Arquivos, 1958.
- INOCÊNCIO, Francisco da Silva, “Joaquim Carneiro da Silva”, in *Diccionario bibliographico portuguez: estudos de Innocência Francisco da Silva aplicáveis a Portugal e ao Brazil*. Lisboa, Imprensa Nacional, vol. 4, 1860, p. 114.
- JACOB, “Lalande”: *Nouvelle Biographie Générale*. Copenhagen, Rosenkilde et Bagger, vols. 27-28 (1967), pp. 948-953.
- LIMA, Henrique de Campos Ferreira, *Subsídios para um dicionário bio-bibliográfico dos calígrafos portugueses*. Lisboa, Biblioteca Nacional, 1923.
- MARQUILHAS, Rita, *Norma gráfica setecentista: do autógrafo ao impresso*. Lisboa, INIC – Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1991.

- PINHEIRO, J. E. Moreirinhas, “Manuel de Andrade de Figueiredo, educador e Calígrafo”: *Revista de Portugal* 33 (1968), pp. 45-50.
- RAMOS, Manuel d’Oliveira, *O calligrapho Ventura da Silva: a sua obra nacional*. Porto, Livraria Portuense, 1899.
- RAMOS, Maria Teresa Oliveira, “A Biblioteca de S. Martinho de Tibães no século XVIII”: *Bracara Augusta* LV.110 (2007).
- SILVA, Joaquim Carneiro da, *Breve tratado theorico das letras typograficas*. Lisboa, Regia Officina Typografica, 1803.
- SILVA, Joaquim José Ventura da, *Regras methodicas para se aprender a escrever os caracteres*. Lisboa, na Impressão Regia, 1819.

APÊNDICE – Figuras

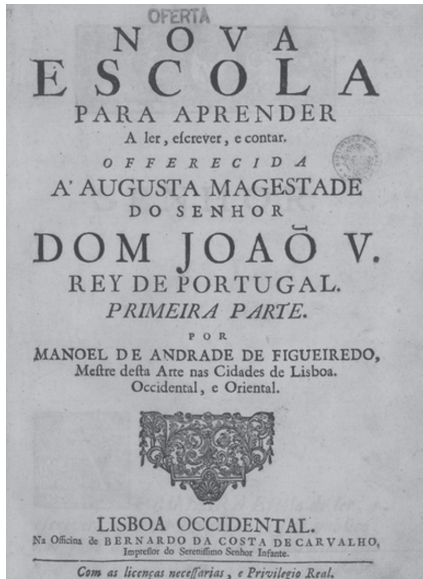


Fig. 1 – FIGUEIREDO, Manuel de Andrade de, *Nova Escola para aprender a ler, escrever e contar* Lisboa Occidental, na officina de Bernardo da Costa de Carvalho, 1722 BND – purl.pt/107

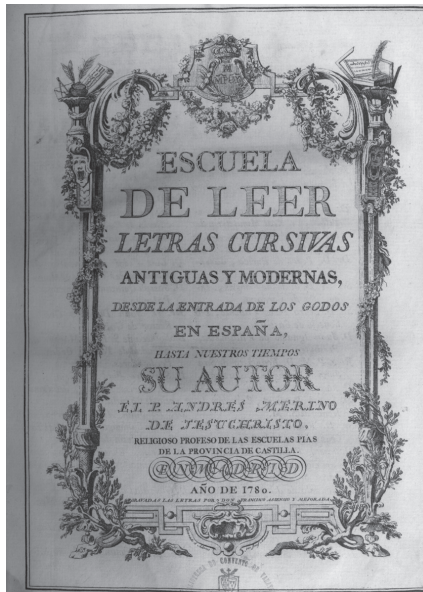


Fig. 2 – MERINO DE JESUCRISTO, Andrés, *Escuela de leer letras cursivas antiguas y modernas* Madrid, D. Juan Antonio Lozano, 1780 BNP – VAR. 2048

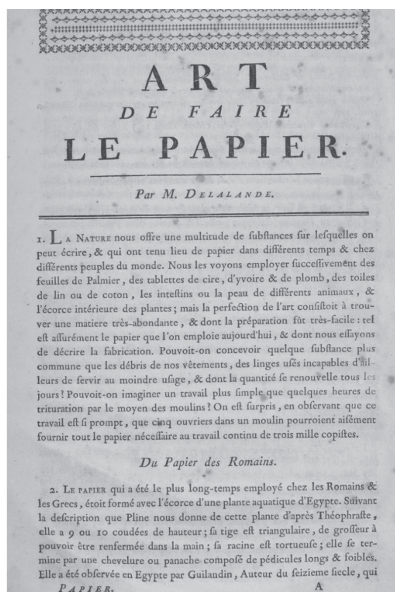


Fig. 3 – LALANDE, Jérôme de
Art de faire le papier.
Paris, Saillant et Nyon, 1761
Fonte: gallica.bnf.fr/Bibliothèque
nationale de France

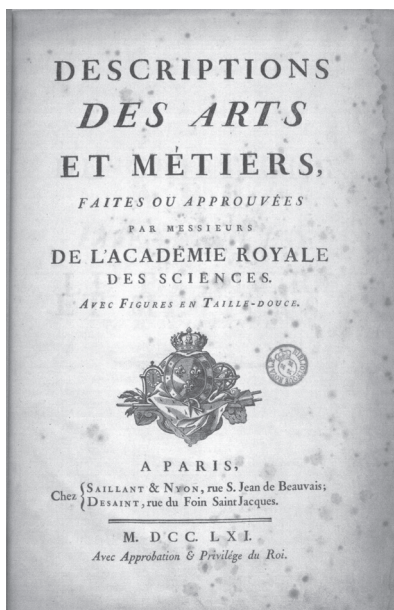


Fig. 4 – ACADÉMIE ROYALE DES
SCIENCES, *Descriptions des Arts et*
Métiers: Avertissement, p. I-IV.
Paris, Saillant et Nyon, 1761
Fonte: gallica.bnf.fr/Bibliothèque
nationale de France

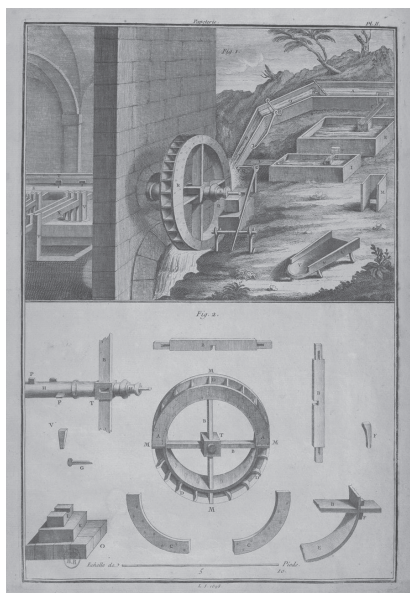


Fig. 5 – Moinho de papel
 (Planche II, fig. 1-2)
 LALANDE, Jérôme de
Art de faire le papier.
 Paris, Saillant et Nyon, 1761
 Fonte: gallica.bnf.fr/Bibliothèque
 nationale de France



Fig. 6 – Tanques e triagem
 (Planche I, fig. 3)
 LALANDE, Jérôme de
Art de faire le papier.
 Paris, Saillant et Nyon, 1761
 Fonte: gallica.bnf.fr/Bibliothèque
 nationale de France

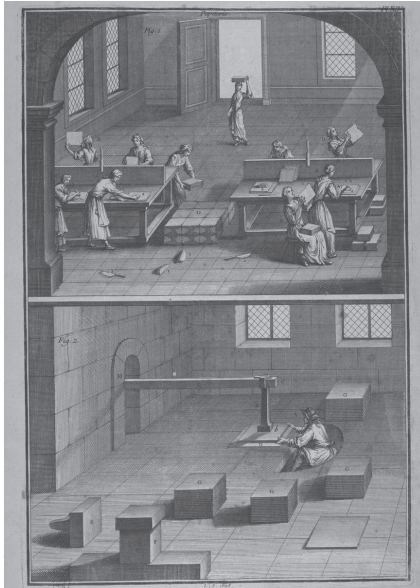


Fig. 7 – Secagem
 (Planche XIV, fig. 1-2)
 LALANDE, Jérôme de
Art de faire le papier.
 Paris, Saillant et Nyon, 1761
 Fonte: gallica.bnf.fr/Bibliothèque
 nationale de France

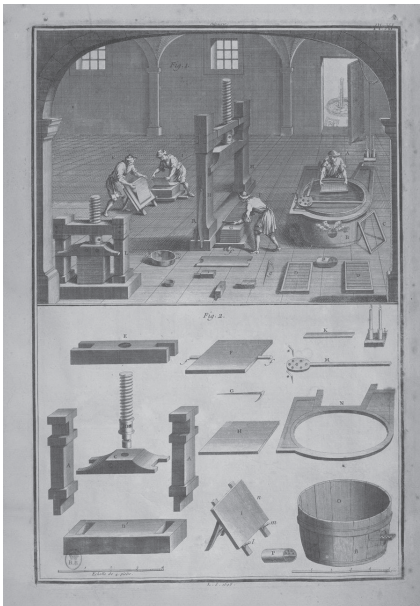


Fig. 8 – Produção de resmas e prensa
 (Planche XI, fig. 1-2)
 LALANDE, Jérôme de
Art de faire le papier.
 Paris, Saillant et Nyon, 1761
 Fonte: gallica.bnf.fr/Bibliothèque
 nationale de France

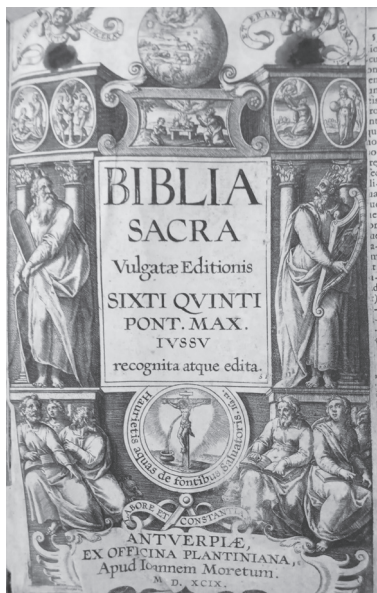


Fig. 9 – BIBLIA SACRA
Antuerpiae, ex officina Plantiniana
Ioannem Moretum, 1599
BNP – BIB. 124 P.

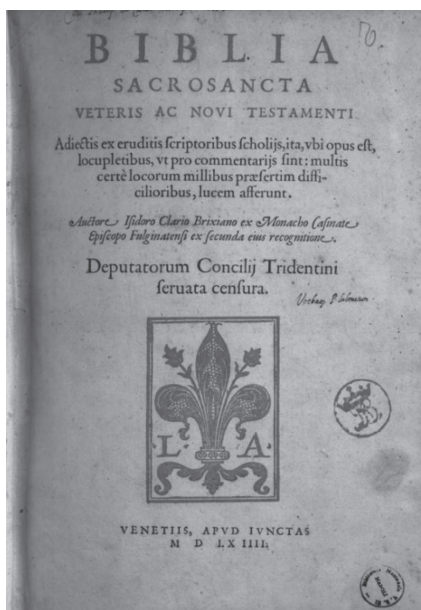


Fig. 10 – BIBLIA SACROSANCTA
Venetiis, apud Iunctas, 1564
BNP – BIB. 151 V.

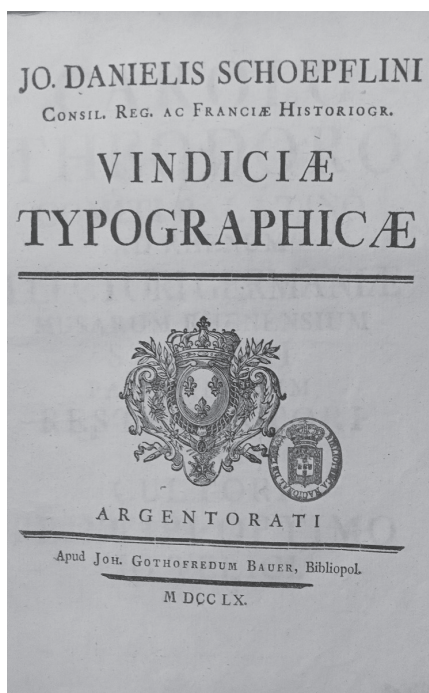


Fig. 11 – SCHÖEPFLIN, Johann Daniel
Vindiciae Typographicæ
Argentorati, apud Joh. Gothofredum
Bauer, Bibliopol., 1760
BNP – B.A.D. 2476 V.

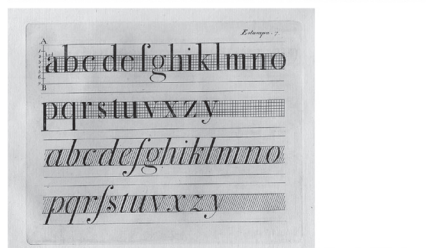
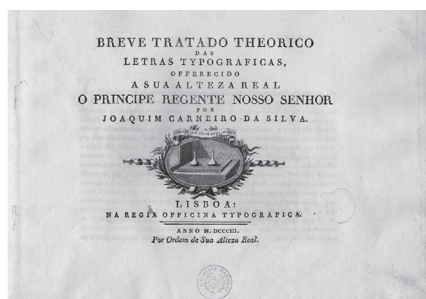


Fig. 12 – SILVA, Joaquim Carneiro da
*Breve tratado theorico das letras
typographicas*
Lisboa, na Regia Officina
Typografica, 1803
BND – purl.pt/257

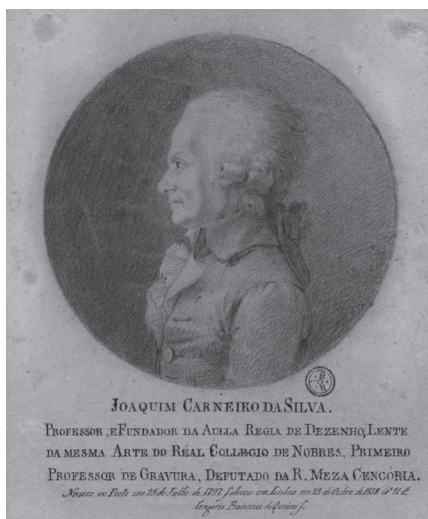


Fig. 13 – JOAQUIM CARNEIRO DA SILVA (1727-1818)
 Desenho de Gregório Francisco de Queiroz (ca. 1790)
 BND – purl.pt/25085

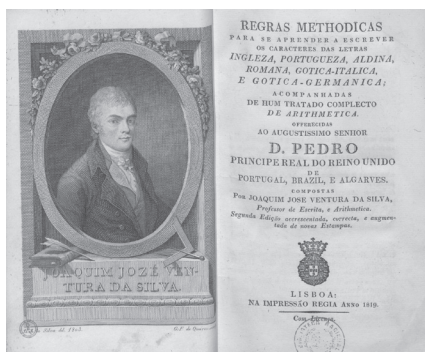


Fig. 14 – SILVA, Joaquim José Ventura da
Regras methodicas para se aprender a escrever os carateres
 Lisboa, na Impressão Regia, 1819
 BNP – L. 32687 P.



Fig. 15 – SILVA, Joaquim José Ventura da
Regras methodicas para se aprender a escrever os carateres
 Lisboa, s.n., 1803
 BNP – S.A. 15156//6 V.

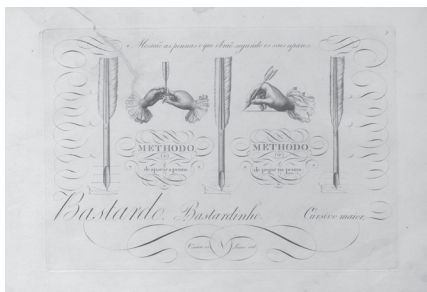


Fig. 16 – SILVA, Joaquim José Ventura da
Regras methodicas para se aprender a escrever os caracteres
 Lisboa, s.n., 1803 (Estampa 2)
 BNP – S.A. 15156//6 V.



Fig. 17 – SILVA, Joaquim José Ventura da
Regras methodicas para se aprender a escrever os caracteres
 Lisboa, s.n., 1803 (Estampa 32)
 BNP – S.A. 15156//6 V.